



The background consists of several overlapping rectangles of different colors: red, green, blue, and orange. The rectangles are tilted at various angles, creating a dynamic and layered effect. The colors are vibrant and saturated.

**JORGE LUIS
BORGES**

**o outro,
o mesmo**



{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

JORGE LUIS BORGES

1899-1986

**o outro,
o mesmo**

1964



Tradução de Leonor Scliar-Cabral

JORGE LUIS BORGES-OBRAS COMPLETAS

VOLUME II

1952-1972

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges - Obras Completas Copyright © 1998 by Maria Kodama Copyright © 1999 das traduções by Editora Globo S.A.

1^a Reimpressão-9/99 2^a Reimpressão-12/00

Edição baseada em Jorge Luis Borges - Obras Completas, publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona - Espanha.

Coordenação editorial: Carlos V. Frias

Coordenação editorial da edição brasileira: Eliana Sá

Assessoria editorial: Jorge Schwartz

Revisão das traduções: Jorge Schwartz e Maria Carolina de Araujo

Preparação de originais: Maria Carolina de Araujo

Revisão de textos: Márcia Menin

Projeto gráfico: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Fotolitos: AM Produções Gráficas Ltda.

Agradecimentos a Adria Frizzi, Ana Giménez, Christopher E Laferl, Edgardo Krebs, Élida Lois, Eliot Weinberger, Enrique Fierro, Francisco Achcar, Haroldo de Campos, Ida Vitale, José Antônio Arantes e Maite Celada
Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil,
cedidos à EDITORA GLOBO S.A.

Avenida Jaguaré, 1485

CEP 05346-902 - Tel.: 3767-7000, São Paulo, SP

e-mail: atendimento@edglobo.com.br

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo CIP-Brasil.
Catalogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 /
Jorge Luis Borges. - São Paulo : Globo, 2000.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges.
Vários tradutores.

v. 1. 1923-1949 / v. 2. 1952-1972 ISBN 85-250-2877-0
(v. 1) ISBN 85-250-2878-9 (v. 2) 1. Ficção argentina 1.
Título.

CDD-ar863.4

Índices para catálogo sistemático 1. Ficção : Século 20
: Literatura argentina ar863.4
1. Século 20 : Ficção : Literatura argentina ar863.4

O OUTRO, O MESMO
El Otro, El Mismo
Tradução de Leonor Scliar-Cabral

Índice

Prólogo

Insônia

Two english poems

A noite cíclica

Do inferno e do céu

Poema conjectural

Poema do quarto elemento

A um poeta menor da antologia

Página para recordar o coronel Suárez, vencedor em

Junín

Mateus 25,30

Uma bússola

Uma chave em Salônica

Um poeta do século XIII

Um soldado de Urbina

Limites

Baltasar Gracián

Um saxão (449 a.D.)

O Golem

O tango

O outro

Uma rosa e Milton

Leitores

João 1,14

O despertar

A quem já não é jovem

Alexander Selkirk

Odisseia, livro vigésimo terceiro

Ele

Sarmiento
A um poeta menor de 1899
Texas
Composição escrita em um exemplar da Gesta de
Beowulf
Hengist cyning
Fragmento
A uma espada em York Minster
A um poeta saxão
Snorri Sturluson (1179-1241)
A Carlos XII
Emanuel Swedenborg
Jonathan Edwards (1703-1785)
Emerson
Edgar Allan Poe
Camden, 1892
Paris, 1856
Rafael Cansinos-Asséns
Os enigmas
O instante
Ao vinho
Soneto do vinho
1964
A fome
O forasteiro
A quem me está lendo
O alquimista
Alguém
Everness
Ewigkeit
Édipo e o enigma
Spinoza
Espanha
Elegia
Adam Cast Forth
A uma moeda

Outro poema dos dons
Ode escrita em 1966
O sono
Junín
Um soldado de Lee (1862)
O mar
Manhã de 1649
A um poeta saxão
Buenos Aires
Buenos Aires
Ao filho
Os padritos mortos

Prólogo

Dentre os muitos livros de versos que minha resignação, meu descuido e às vezes minha paixão foram rabiscando, O Outro, O Mesmo é o que prefiro. Aí estão o "Outro poema dos dons", o "Poema conjectural", "Uma rosa e Milton" e "Junín", que, se a parcialidade não me engana, não me desonram. Aí estão também meus hábitos: Buenos Aires, o culto aos ancestrais, a germanística, a contradição do tempo que passa e da identidade que perdura, meu estupor de que o tempo, nossa substância, possa ser compartilhado.

Este livro não é outra coisa senão uma compilação. Os poemas foram sendo escritos para diversos moods e momentos, não para justificar um volume. Disso decorrem as previsíveis monotonias, a repetição de palavras e talvez de linhas inteiras. Em seu cenáculo da rua Victoria, o escritor — chamemo-lo assim — Alberto Hidalgo assinalou meu costume de escrever a mesma página duas vezes com variações mínimas. Lamento ter-lhe respondido que ele não era menos binário, com a ressalva, porém, de que, em seu caso particular, a primeira versão era de outro. Tais eram as deploráveis maneiras daquela época, que muitos olham com nostalgia. Todos queríamos ser heróis de episódios triviais.

A observação de Hidalgo era justa: "Alexander Selkirk" não difere notoriamente de "Odisseia, livro vigésimo terceiro", "O punhal" prefigura a milonga que intitulei "Uma faca no Norte" e talvez a narrativa "O encontro". O estranho, o que jamais entenderei, é que minhas segundas versões, como ecos apagados e involuntários,

costumam ser inferiores às primeiras. Em Lubbock, na fronteira do deserto, uma moça alta me perguntou se, ao escrever "O Golem", eu não havia intentado uma variação de "As ruínas circulares"; respondi-lhe que tivera de atravessar todo o continente para receber essa revelação, que era verdadeira. Ambas as composições, além disso, têm suas diferenças; o sonhador sonhado está em uma, a relação da divindade com o homem e talvez a do poeta com a obra, na que depois redigi.

As línguas dos homens são tradições que carregam algo de fatal. Os experimentos individuais são, de fato, mínimos, salvo quando o inovador se resigna a lavrar um espécime de museu, um jogo destinado à discussão dos historiadores da literatura ou ao mero escândalo, como o Finnegans Wake ou as Soledades. Atraiu-me às vezes a tentação de traduzir para o espanhol a música do inglês ou do alemão; se tivesse executado essa aventura quase impossível, eu seria um grande poeta, como aquele Garcilaso que nos deu a música da Itália, ou como aquele anônimo sevilhano que nos deu a de Roma, ou como Darío, que nos deu a da França. Não passei de um rascunho urdido com palavras de poucas sílabas, que sensatamente destruí.

É curiosa a sorte do escritor. No início é barroco, vaidosamente barroco, e depois de alguns anos pode conseguir, se os astros forem favoráveis, não a simplicidade, que não é nada, mas a modesta e secreta complexidade.

Menos que as escolas, educou-me uma biblioteca — a de meu pai —; apesar das vicissitudes do tempo e das geografias, creio não ter lido em vão aqueles queridos volumes. No "Poema conjectural", verificar-se-á a influência dos monólogos dramáticos de Robert Browning; em outros, a de Lugones e, assim o espero, a de Whitman. Ao rever estas páginas, senti-me mais

próximo do simbolismo que das seitas ulteriores que sua corrupção engendrou e que agora o negam.

Pater escreveu que todas as artes propendem à condição da música, talvez porque nela o fundo é a forma, já que uma melodia não pode referenciar como o podem as linhas gerais de um conto. A poesia, admitido esse ditame, seria uma arte híbrida: a sujeição de um sistema abstrato de símbolos, a linguagem, a fins musicais. Os dicionários têm a culpa desse conceito errôneo. Costuma-se esquecer que são repertórios artificiosos, muito posteriores às línguas que ordenam. A raiz da linguagem é irracional e de caráter mágico. O dinamarquês que articulava o nome de Thor e o saxão que articulava o nome de Thunor não sabiam se essas palavras significavam o deus do trovão ou o estrépito que sucede ao relâmpago. A poesia quer voltar a essa antiga magia. Sem leis prefixadas, opera de modo vacilante e ousado, como se caminhasse na escuridão. Xadrez misterioso a poesia, cujo tabuleiro e cujas peças mudam como em um sonho e sobre o qual me inclinarei depois de morto.

J. L. B.

Insônia

De ferro,
de encurvadas vigas de enorme ferro tem de ser a
noite,
para que não a rebentem e a desenraízem
as muitas coisas que meus abarrotados olhos viram,
as duras coisas que insuportavelmente a povoam.

Meu corpo fatigou os níveis, as temperaturas, as
luzes:

em vagões de extensos trilhos,
em um banquete de homens que se detestam,
no fio rompido dos subúrbios,
em uma quinta quente de estátuas úmidas,
na noite repleta onde abundam o cavalo e o homem.

O universo desta noite contém a vastidão
do esquecimento e a precisão da febre.

Quero em vão distrair-me do corpo
e do desvelar de um espelho incessante
que o prodigalize e que o espreite
e da casa que repete seus pátios
e do mundo que segue até um despedaçado subúrbio
de becos onde o vento se cansa e de barro torpe.

Em vão espero
as desintegrações e os símbolos que precedem o
sonho.

Segue a história universal:
os rumos minuciosos da morte nas cárries dentárias,
a circulação de meu sangue e dos planetas.

(Odiei a água crapulosa de um charco,
detestei, ao entardecer, o canto do pássaro.)

As fatigadas léguas incessantes do subúrbio do Sul,
léguas de pampa lixeira e obscena, léguas de
execração
não querem abandonar a memória.

Lotes pantanosos, ranchos amontoados como cães,
charcos de prata fétida:
sou a detestável sentinelha dessas colocações imóveis.
Arame, terraplenos, papéis mortos, sobras de Buenos
Aires.

Creio esta noite na terrível imortalidade:
nenhum homem morreu no tempo, nem mulher,
nenhum morto,
porque esta inevitável realidade de ferro e de barro
tem de atravessar a indiferença de quantos estejam
adormecidos ou mortos
— ainda que se ocultem na corrupção e nos séculos —
e condená-los à vigília espantosa.

Toscas nuvens cor de borra de vinho infamarão o céu;
há de amanhecer em minhas pálpebras apertadas.

Adrogué, 1936.

Two english poems1

To Beatriz Bibiloni Webster de Bullrich

I

The useless dawn finds me in a deserted streetcorner;
I have outlived the night.

Nights are proud waves: darkblue topheavy waves
laden with all hues of deep spoil, laden with things
unlikely and desirable.

Nights have a habit of mysterious gifts and refusals, of
things half given away, half withheld, of joys with a dark
hemisphere. Nights act that way, I tell you.

The surge, that night, left me the customary shreds
and odd ends: some hated friends to chat with, music for
dreams, and the smoking of bitter ashes. The things my
hungry heart has no use for.

The big wave brought you.

Words, any words, your laughter; and you so lazily and
incessantly beautiful. We talked and you have forgotten
the words.

The shattering dawn finds me in a deserted street of
my city.

Your profile turned away, the sounds that go to make
your name, the lilt of your laughter: these are illustrious
toys you have left me.

I turn them over in the dawn, I lose them, I find them;
I tell them to the few stray dogs and to the few stray
stars of the dawn.

Your dark rich life...

I must get at you, somehow: I put away those
illustrious toys you have left me, I want your hidden look,

your real smile — that lonely, mocking smile your cool mirror knows.

II

What can I hold you with?

I offer you lean streets, desperate sunsets, the moon of the ragged suburbs.

I offer you the bitterness of a man who has looked long and long at the lonely moon.

I offer you my ancestors, my dead men, the ghosts that living men have honoured in marble: my father's father killed in the frontier of Buenos Aires, two bullets through his lungs, bearded and dead, wrapped by his soldiers in the hide of a cow; my mother's grandfather — just twentyfour — heading a charge of three hundred men in Peru, now ghosts on vanished horses.

I offer you whatever insight my books may hold, whatever manliness or humour my life.

I offer you the loyalty of a man who has never been loyal.

I offer you that kernel of myself that I have saved, somehow — the central heart that deals not in words, traffics not with dreams and is untouched by time, by joy, by adversities.

I offer you the memory of a yellow rose seen at sunset, years before you were born.

I offer you explanations of yourself, theories about yourself, authentic and surprising news of yourself.

I can give you my loneliness, my darkness, the hunger of my heart; I am trying to bribe you with uncertainty, with danger, with defeat.

1 Dois poemas ingleses

A Beatriz Bibiloni Webster de Bullrich

I

A inútil alvorada me encontra em uma esquina deserta; sobrevivi à noite. As noites são ondas orgulhosas: ondas de pesada crista azul-escura cheias de tons de espólios fundos, cheias de coisas improváveis e desejáveis. As noites têm o hábito de misteriosas dádivas e recusas, de coisas meio dadas, meio retidas, de alegrias com escuro hemisfério. As noites procedem assim, creia-me. A vaga, nessa noite, deixou-me os pedaços e as sobras avulsas de costume: uns amigos odiados para bater papo, música para sonhos e o fumegar de cinzas amargas. Coisas sem uso para meu coração faminto. A grande onda trouxe você. Palavras, quaisquer palavras, seu riso; e você, de uma tão preguiçosa e incessante beleza. Conversamos e se esqueceu das palavras. Os estilhaços da alvorada me encontram em uma rua deserta de minha cidade. Seu perfil que se desvia, os sons que compõem seu nome, a cadência de seu riso: ilustres brinquedos que você me deixou. Revolvo-os na alvorada, perco-os, encontro-os; revelo-os aos poucos cães erradios e às poucas estrelas erradias da alvorada. Sua preciosa vida obscura... Tenho de alcançá-la, de algum modo: guardo esses ilustres brinquedos que você me deixou, quero seu olhar oculto, seu sorriso real — esse sorriso solitário e zombeteiro que seu frio espelho conhece.

II

*Com que posso detê-la? Ofereço-lhe ruas
decaídas, ocasos desesperados, a lua dos subúrbios
maltrapilhos. Ofereço-lhe o amargor de um homem
que por longo e longo tempo contemplou a lua
solitária. Ofereço-lhe meus ancestrais, meus mortos,
os espectros que os vivos honraram em mármore: o
pai de meu pai morto na fronteira de Buenos Aires,
duas balas nos pulmões, barbudo e morto, envolto
por soldados em uma pele de vaca; o avô de minha
mãe — apenas vinte e quatro anos — a comandar um
ataque de trezentos homens no Peru, hoje espectros
sobre cavalos extintos. Ofereço-lhe qualquer intuição
que meus livros tenham, qualquer hombridade ou
humor de minha vida. / Ofereço-lhe a lealdade de um
homem que jamais foi leal. / Ofereço-lhe esse meu
cerne que de algum modo preservei — o coração
central que não lida com palavras, não comercia com
sonhos e não foi tocado pelo tempo, pela alegria,
pelas adversidades. Ofereço-lhe a lembrança de uma
rosa amarela vista no ocaso, anos antes de você
nascer. Ofereço-lhe explicações de si mesma, teorias
de si mesma, novidades autênticas e surpreendentes
acerca de si mesma. / Posso lhe dar minha solidão,
minha treva, a fome de meu coração; estou tentando
aliciá-la com incerteza, com perigo, com derrota.*

(Tradução de José Antônio Arantes.)

A noite cíclica

A Sylvina Bullrich

Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras:
As estrelas e os homens voltam ciclicamente;
Os átomos fatais repetirão a urgente
Afrodite de ouro e os tebanos e as ágoras.

Em idades futuras oprimirá o centauro
O coração do lápita ao solípede casco;
Quando Roma for pó, na infinda noite, com asco
Gemerá, no palácio fétido, o minotauro.

Toda a noite em minúcias insone há de volver.
A mão que isto redige renascerá do igual
Ventre. Férreas armadas erguerão o abissal.
(David Hume de Edimburgo o mesmo quis dizer.)

Não sei se voltaremos em um ciclo segundo,
Como voltam as cifras de uma fração periódica;
Sei, porém, que uma obscura rotação pitagórica
Noite após noite deixa-me em um lugar do mundo.

Que pertence aos bairros. Uma esquina esquecida
Que pode ser do norte, do sul, talvez do oeste,
Que apresenta, porém, sempre uma taipa celeste,
A figueira sombria e uma vereda rompida.

Aí está Buenos Aires. O tempo, presenteando
Com ouro ou amor os homens, a mim apenas deixa
Esta rosa apagada ou esta inútil madeixa
De ruas que ecoam nomes mortos, evocando

Em meu sangue: Laprida, Cabrera, Soler, Suárez...
Nomes em que retumbam (já secretas) as dianas,
Repúblicas, cavalos garbosos, as campanas
Das felizes vitórias, as mortes militares.

As praças demarcadas na noite sem senhor
São os profundos pátios de um árido palácio
E suas ruas unâimes que engendram o espaço,
Corredores de sonho e de confuso temor.

Volta a noite côncava que decifra Anaxágoras;
Volta-me à carne humana a eternidade constante
E a lembrança, o projeto? de um poema incessante:
"Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras..."

1940

Do inferno e do céu

O Inferno de Deus não necessita
o resplendor do fogo. Quando o Juízo
Universal retumbar nas trombetas,
a terra tornar públicas as vísceras,
do pó ressuscitarem as nações
para acatar a Boca inapelável,
os olhos não verão os nove círculos
da montanha invertida; nem os pálidos
prados e seus asfódelos perenes
onde a sombra do arqueiro então persegue,
eternamente, a sombra ágil da corça;
nem a loba de fogo que no ínfimo
pavimento do inferno muçulmano
é anterior a Adão e aos castigos;
nem violentos metais e nem sequer
mesmo a visível treva de John Milton.
Não pesará odiado labirinto
de triplo ferro e fogo doloroso
sobre as almas atônicas dos réprobos.

Nem o fundo dos anos também guarda
um remoto jardim. Deus não quer,
para alegrar os méritos do justo,
orbes de luz, concêntricas teorias
de tronos, potestades, querubins,
nem o espelho ilusório de uma música
nem as profundidades de uma rosa
nem o fulgor aziago de um somente
de Seus tigres, tampouco o delicado
de um ocaso amarelo no deserto,
nem o sabor natal, antigo da água.
Em Sua misericórdia, nem jardins

nem luz de uma esperança ou de lembrança.

No cristal de um sonho eu vislumbrei
o Céu e o Inferno todo prometidos:
ao retumbar o Juízo nas trombetas
últimas e o planeta milenário
for esquecido e bruscas já cessarem
ó Tempo! tuas efêmeras pirâmides,
teu colorido e linhas do passado
definirão na treva um rosto imóvel,
adormecido, fiel, inalterável
(o da amada talvez, quiçá o teu)
e a contemplação desse incorruptível
rosto contíguo, intacto e incessante
há de ser, para os réprobos, Inferno,
porém para os eleitos, Paraíso.

1942

Poema conjectural

O doutor Francisco Laprida, assassinado no dia 22 de setembro de 1829 pelos guerrilheiros de Aldao, pensa antes de morrer:

Zunem as balas na última tarde.
Há vento frio e cinzas no vento,
dispersam-se o dia e a batalha
disforme, e é dos outros a vitória.
Vencem os bárbaros, vencem gaúchos.
Eu, que estudei a fundo as leis e os cânones,
eu, Francisco Narciso de Laprida,
cuja voz declarou a independência
destas cruéis províncias, derrotado,
de sangue e de suor manchado o rosto,
sem temor ou esperança, já perdido,
eu fujo até o Sul, por bairros últimos.
Tal como o capitão do Purgatório
que, a pé fugindo e ensanguentando o chão,
foi cegado e tombado pela morte
onde um escuro rio perde o nome,
assim hei de cair. Hoje é o fim.
A noite lateral dos vagos pântanos
me espreita e me demora. Escuto os cascos
de minha quente morte que me busca
com ginetes, com belfos e com lanças.

Eu que almejei ser outro, ser um homem
de sentenças, de livros, de ditames,
a céu aberto jazerei nos charcos;
porém me endeusa o peito inexplicável

um júbilo secreto. Por fim me vejo
com meu destino sul-americano.
A esta ruinosa tarde me levava
o labirinto múltiplo de passos
que meus dias teceram desde um dia
da infância. Mas por fim eu descobri
a recôndita chave de meus anos,
o fado de Francisco de Laprida,
a letra que faltava, esta perfeita
forma que soube Deus desde o princípio.
No espelho desta noite é que me alcanço
o insuspeitado rosto eterno. O círculo
se fecha. Eu aguardo que assim seja.

Pisam meus pés a sombra já das lanças
que me buscam. O escárnio desta morte,
os ginetes, as crinas, os cavalos
me circundam... E já o primeiro golpe,
já o duro ferro que me racha o peito,
a íntima facada na garganta.

1943

Poema do quarto elemento

O deus a quem um homem descendente de Atreu
Prendeu em uma praia que o bochorno lacera
Converteu-se em dragão, em leão, numa pantera,
Em árvore e em água. Porque a água é Proteu.

É a nuvem, a imemorável nuvem, é a glória
Do entardecer que afunda os subúrbios abrasado;
É o Maelström que tecem os vórtices gelados,
E a lágrima inútil que dou a tua memória.

Foi, nas cosmogonias, a origem em segredo
Da terra que alimenta, do fogo que devora,
Dos deuses que governam o poente e a aurora.
(Assim o afirmam Sêneca e Tales de Mileto.)

O mar e a movente montanha que destrói
A embarcação de ferro são só tuas anáforas,
E o tempo irreversível que nos foge e nos dói,
Água, nada mais é do que uma de tuas metáforas.

Sob ventos destruidores, tu foste o labirinto
Sem paredes, janelas, cujo caminho gris
Tão longe desviou o idolatrado Ulisses,
A Morte inexorável e o Acaso indistinto.

Brilhas tal como as lâminas cruéis dos alfanjes,
De monstros, pesadelos, sonho, tu és hospedagem.
Somam-te maravilhas as humanas linguagens
E tua fuga se chama ora Eufrates, ora Ganges.

(Afirmam que é sagrada a água do derradeiro,
Mas, como os mares pactos obscuros conspiraram

E o planeta é poroso, também é verdadeiro
Afirmar que no Ganges todos já se banharam.)

De Quincey, em tumultuadas madrugadas, sonhou
Que se impedrou teu mar de rostos e de nações;
Aplacaste o desejo de muitas gerações,
E a carne de meu pai e de Cristo em ti lavou-se.

Água, eu te suplico. Por este sonolento
Enlace de numéricas letras que te digo,
Recorda-te de Borges, teu nadador e amigo.
Não faltes a meus lábios no último momento.

A um poeta menor da antologia

A memória dos dias onde está
dos que na terra foram teus, tecendo
dor e alegria e foram para ti o universo?

O rio numerável desses anos
já os perdeu; tu és uma palavra em um índice.

Deram a outros glória interminável os deuses,
inscrições e exergos e monumentos e pontuais
historiadores;
de ti nós só sabemos, obscuro amigo,
que ouviste o rouxinol, uma tarde.

Por entre os asfódelos da sombra, tua vã sombra
pensará que os deuses foram avaros.

Porém os dias são uma rede de triviais misérias,
e haverá melhor sorte que a cinza
de que está feito o olvido?

Os deuses sobre outros atiraram
a inexorável luz da glória, que observa as entranhas e
enumera as gretas,
da glória, que acaba por murchar a rosa que venera;
foram contigo mais piedosos, irmão.

No êxtase de um entardecer que não será uma noite,
ouves a voz do rouxinol de Teócrito.

Página para recordar o Coronel Suárez, vencedor em Junín

Que importam as penúrias, o desterro,
a humilhação de envelhecer, a sombra crescente
do ditador sobre a pátria, a casa no Barrio del Alto
que venderam seus irmãos enquanto guerreava, os
dias inúteis

(os dias que se espera esquecer, os dias que se sabe
que se hão de esquecer),
sim, teve sua grande hora, a cavalo,
no visível pampa de Junín como em um cenário para o
futuro,
como se o anfiteatro de montanhas fosse o futuro.

Que importa o tempo sucessivo se nele
houve uma plenitude, um êxtase, uma tarde.

Serviu treze anos nas guerras da América. Por fim a sorte o levou ao Estado Oriental, aos campos do Río Negro.

Nos entardeceres pensaria
que para ele havia florescido essa rosa:
na batalha rubra de Junín, o instante infinito
em que as lanças se tocaram, a ordem que moveu a
batalha,
a derrota inicial, e entre os fragores
(não menos brusca para ele que para a tropa)
sua voz gritando aos peruanos que arremeteram,
a luz, o ímpeto e a fatalidade do ataque,
o furioso labirinto dos exércitos,
a batalha das lanças na qual não retumbou um só
tiro,
o *godo* que atravessou com o ferro,

a vitória, a felicidade, a fadiga, um princípio de sono,
e gente que morria nos pântanos,
e Bolívar que pronunciava palavras sem dúvida
históricas
e o sol já ocidental e o recuperado sabor da água e do
vinho,
e aquele morto sem rosto porque o pisoteou e apagou
a batalha...

Seu bisneto escreve estes versos e uma tácita voz
desde o antigo do sangue lhe chega:
— Que importa minha batalha de Junín se é uma
gloriosa memória,
uma data que se aprende para um exame ou um lugar
no atlas.
A batalha é eterna e pode prescindir da pompa
de visíveis exércitos com clarins;
Junín são dois civis que em uma esquina maldizem um
tirano,
ou um homem obscuro que morre no cárcere.

1953

Mateus 25, 30

A primeira ponte da Constitución e a meus pés
Fragor de trens que teciam labirintos de ferro.
Fumo e silvos escalavam a noite,
Que de repente foi o Juízo Universal. Desde o invisível
horizonte

E desde o centro de meu ser, uma voz infinita
Disse estas coisas (estas coisas, não estas palavras,
Que são minha pobre tradução temporal de uma única
palavra):

— Estrelas, pão, bibliotecas orientais e ocidentais,
Naipes, tabuleiros de xadrez, galerias, clarabóias e
porões,

Um corpo humano para andar pela terra,
Unhas que crescem na noite, na morte,
Sombra que esquece, atarefados espelhos que
multiplicam,

Declives da música, a mais dócil das formas do
tempo,

Fronteiras do Brasil e do Uruguai, cavalos e manhãs,
Um peso de bronze e um exemplar da Saga de
Grettir,

Álgebra e fogo, o ataque de Junín em teu sangue,
Dias mais populosos que Balzac, o aroma da
madressilva,

Amor e véspera de amor e lembranças intoleráveis,
O sonho como um tesouro enterrado, o dadivoso
acaso

E a memória, que o homem não olha sem vertigem,
Tudo isso te foi dado, e também O antigo alimento dos
heróis:

A falsidade, a derrota, a humilhação.
Em vão te prodigalizamos o oceano,

Em vão o sol, que viram os maravilhados olhos de
Whitman;

Gastaste os anos e te gastaram,
E, contudo, não escreveste o poema.

1953

Uma bússula

A Esther Zemborain de Torres

Todas as coisas são palavras lidas
Na língua em que Algo ou Alguém, noite e dia,
Escreve essa infinita algaravia
Que é a história do mundo.

Em sua corrida Passam Cartago e Roma, minha vida
Que não entendo, eu, tu, ele, a agonia:
Ser enigma, acaso, criptografia
E as vozes de Babel desentendidas.

Atrás do nome há o que não se cita;
Hoje senti sua sombra que gravita
Na lúcida agulha azul que circula

Leve, obstinada, até o fim do mar
Com algo de relógio num sonhar
E algo de ave dormida que tremula.

Uma chave em Salônica

Abravanel, Farías ou Pinedo,
Expulsos da Espanha por cruel
Perseguição, mantêm ainda fiel
A chave de uma casa de Toledo.

Livres agora de esperança e medo,
Olham a chave sob o sol oblíquo;
No bronze, restam ontens, o longínquo,
Cansado brilho e sofrimento quedo.

Hoje que é pó sua porta, o instrumento
E cifra da diáspora e do vento,
Afim com essa chave do santuário

Que alguém lançou ao céu, quando a incendiou
O romano com fogo temerário,
E que a divina mão no azul captou.

Um poeta do século XIII

Retorna a olhar os árduos borradores
Do primeiro soneto inominado,
A página arbitrária, misturados
Tercetos e quartetos pecadores.

Lima, com lenta pena, seus rigores
E se detém. Talvez tenham chegado
Do futuro e de seu horror sagrado
Remotos rouxinóis e seus rumores.

Terá sentido que não estava só
E que o arcano, o incrível deus Apolo,
Lhe havia revelado aquele arquétipo,

Um ávido cristal que apreenderia
O quanto a noite encerra ou abre o dia:
Dédalo, labirinto, enigma, Édipo?

Um soldado de Urbina

Suspeitando-se indigno de façanha
Como aquela no mar, este soldado,
A sórdidos ofícios resignado,
Errava obscuro por sua dura Espanha.

Para apagar ou mitigar a sanha
Do real, buscava, pois, pelo sonhado
E lhe deram um mágico passado
Os ciclos de Rolando e da Bretanha.

Velaria, fundido o sol, o amplo
Campo em que dura um resplendor de cobre;
Julgava-se acabado, só e pobre,

Sem saber de qual música era dono;
Ao afundar no sonho de algum sono,
Já andavam nele Dom Quixote e Sancho.

Limites

Destas ruas que afundam o poente,
Há uma (eu não sei qual) que percorri
Já pela última vez, indiferente,
E, sem o adivinhar, me submeti

A Quem prefixa onipotentes normas
E uma secreta e rígida medida
Às sombras, e aos sonhos e às formas
Que destecem e tecem esta vida.

Se para tudo há fim, um nunca mais
E o último adeus, o esquecido,
Quem nos dirá de quem, nestes umbrais,
Despedimo-nos desapercebidos?

Cessa a noite através do cristal gris
E, do cimo dos livros que partida
Sombra espalha pelo tampo impreciso,
Uma folha que nunca será lida.

No Sul mais de um portão enferrujado
Com seus jarrões de gesso e alvenaria
E tunas, a meu trânsito vedado
Como se fosse uma litografia.

Para sempre alguma porta foi cerrada
Por ti. E em vão o espelho aguarda e espia;
A ti parece aberta a encruzilhada
E, quadrifronte, é Jano que a vigia.

Uma há, dentre as memórias todas tuas,
Que se perdeu irreparavelmente;

Não te verão baixar à água vertente
Nem o branco sol nem dourada lua.

Tua voz não voltará ao verso persa
Em sua língua de rosas e de aves,
Quando no ocaso, ante a luz dispersa,
Buscares por coisas inolvidáveis.

E o incessante Ródano e o lago,
Todo esse ontem sobre o qual me inclino?
Tão perdido estará como Cartago
Que a sal e fogo apagou o latino.

Julgo ouvir, ao alvor, rumorejar
Laborioso da turba se afastando;
São quem me quis amar e me olvidar;
Espaço e tempo e Borges me deixando.

Baltasar Gracián

Labirintos, antíteses, emblemas,
Trabalhosa e fria quinquelharia
Foi para este jesuíta a poesia,
Reducida por ele a estratagemas.

Na alma não houve músicas, além
De herbário de metáforas e argúcias
Fútil e a veneração às astúcias,
Pelo humano e sobre-humano, o desdém.

Não o moveu Homero, a antiga voz,
Nem a de prata e lua de Virgílio;
Não viu o fatal Édipo no exílio,
Nem Cristo que na cruz morre por nós.

Às límpidas estrelas orientais
Que na alva empalidecem seu fulgor,
Apodou-as de nome pecador
As galinhas dos campos celestiais.

Tão ignorante foi do amor divino
Como do outro que em rubras bocas arde,
Surpreendeu-o a Pálida uma tarde
A recitar os versos de Marino.

Seu destino ulterior não está na história;
Liberado às mudanças de uma impura
Tumba o pó que ontem foi sua figura,
Ascendeu a alma de Gracián em glória.

Que sentiria ao ver-se face a face
Com os Arquétipos e os Esplendores?

Talvez chorasse, ao dizer-se os pendores:
Só sombra e erros eu sorvi rapace.

Que sucedeu quando o Sol implacável,
A Verdade de Deus, fogo lançou?
A luz de Deus, quem sabe, é que o cegou
Na metade da glória interminável.

Sei outra conclusão. Dado a seus temas
Minúsculos, Gracián não viu a glória
E segue resolvendo na memória
Labirintos, antíteses e emblemas.

Um saxão (449 a.D.)

Já se havia afundado a curva lua;
Rude e ruivo o homem ao alvorecer,
A duna minuciosa a desfazer-se,
Pisou-a com receio a planta nua.

Ao longe, atrás da pálida baía,
Viu brancas terras, montes em negroles,
Nesse momento elementar do dia
Quando Deus não criou ainda as cores.

Era tenaz. Fizeram sua fortuna
Rede, arado, remos, dardo, armadura;
A garra que guerreava pôde dura
Gravar com ferro porfiada runa.

De terra pantanosa procedia
A esta que roem os pesados mares;
Sobre ele abobadava-se qual dia
O Destino, e também sobre seus lares,

Woden ou Thunor, quem engalanou,
Com mão torpe, de trapos e de cravos
E em cujo altar ao arcano ofertou
Seus cães, cavalos, pássaros e escravos.

Para cantar as glórias ou lembranças,
Cunhava operosos nomes e ações;
A guerra era o encontro dos varões,
Era também o encontro de mil lanças.

De magias, seu mundo era no mar,
De lobos, realezas e do Fado

Que não perdoa, e do horror sagrado
No cerne do pinhal a latejar.

Trazia essas palavras essenciais
De uma língua que o tempo exaltaria
A música de Shakespeare: noite, dia,
E o fogo, água, cores e metais,

Fome, sede, amargura, sonho, guerra,
Morte e outros humanos tantos males;
Em árduos montes e em abertos vales,
Seus filhos engendraram a Inglaterra.

O golem

Se (como o grego afirma no Crátilo)
Da coisa o nome é sua ideia pura,
Nos sons de rosa a rosa é e perdura.
E todo o Nilo, na palavra *Nilo*.

E, feito de consoantes e vogais,
Nome terrível há de haver, que a essência
Cifre de Deus e que a Onipotência
Guarda em letras e sílabas cabais.

Adão e os astros tê-lo-ão achado
No Jardim. A ferrugem do pecado
O apagou (os cabalistas contaram):
E as gerações por vir o extraviaram.

O artifício dos homens, sua candura
Não têm fim. Sabemos, sim, que houve um dia
Em que o povo de Deus ia em procura
Do Nome, em vigílias da judiaria.

Não à maneira de outras que uma vaga
Sombra insinuam sobre a vaga história,
Verde está ainda e viva a memória
De Judá Leão, que era rabino em Praga.

Sedento de saber o que Deus sabe,
Deu-se Judá Leão a permutações
De letras e a complexas variações
E ao fim pronunciou o Nome que é a Clave,

A Porta, o Eco, o Hóspede e o Paço,
Sobre um boneco que com as mãos lavrou

Torpemente, e os arcanos lhe ensinou
Das Letras, e do Tempo e do Espaço.

As sonolentas pálpebras alçou
O simulacro e viu formas e cores
Sem entender, perdidas em rumores,
E temerosos gestos ensaiou.

Gradualmente (como nós) viu-se ele
Aprisionada na rede sonora
Do Antes, Depois, Ontem, Enquanto, Agora,
Direita, Esquerda, Eu, Tu, Outros, Aqueles.

(O cabalista que oficiou de nume
Ao ser enorme chamou-o de Golem;
Estas verdades as refere Scholem
Em um douto lugar de seu volume.)

O rabi lhe explicava o universo
"Isto é meu pé; isto, o teu; isto, a soga".
Conseguiu, depois de anos, que o perverso
Varresse bem ou mal a sinagoga.

Talvez houvesse um erro na grafia
Ou no Sacro Nome que articulou;
Mesmo com tão alta feitiçaria,
Falar, o aprendiz de homem não falou.

Seus olhos, muito mais de cão que de homem
E muito mais de coisa que de cão,
O rabi seguem onde se consomem
Dúbias sombras nas peças da prisão.

Algo anormal e tosco houve no Golem:
O gato do rabi, a seu andar, Fugia.
(Esse gato não está em Scholem

Mas, com o tempo, passei a adivinhar.)

Elevando a seu Deus mãos filiais,
As devoções de seu Deus as copiava
Ou, estúpido e rindo, se dobrava
Em côncavas mesuras orientais.

O rabi o olhava com ternura
E com algum horror. *Como* (dizia-se)
Pude gerar este penoso filho
E a inação deixei, que é a cordura?

Por que dei em somar à infinita
Série um símbolo mais? Por que à meada
Fútil, na eternidade emaranhada,
Dei outra causa, efeito, outra desdita?

Nos momentos de angústia e de luz vaga,
Em seu Golem o olhar permanecia.
Quem nos dirá as coisas que sentia
Deus, ao observar seu rabino em Praga?

1958

O tango

Onde estarão? Pergunta-se a elegia
De quem não vive mais, como se houvesse
Uma região em que o Ontem pudesse
Ser o Hoje, o Ainda e o Todavia.

Onde estará (repito) o malfeitor
Que fundou nesses becos empoeirados
De terra ou nos perdidos povoados
A seita do facão, do destemor?

Onde estarão aqueles que passaram,
Deixando à epopeia um episódio,
Uma fábula ao tempo e que, sem ódio,
Lucro ou paixão de amor se esfaquearam?

Em sua lenda eu os busco, derradeira
Brasa que, a modo de uma vaga rosa,
Guarda algo dessa chusma valorosa
Vinda dos Corrales, de Balvanera.

Em quais escuros becos, em que ermos
Do outro mundo se instalará a dura
Sombra de quem era uma sombra escura,
Muraña, essa navalha de Palermo?

E esse Iberra fatal (de quem os santos
Se apiadem) que na ponte de uma via
Matou seu irmão Nato, que devia
Mais mortes que ele e assim igualou tantos?

Uma mitologia de punhais
Lentamente se anula no esquecer-se;

Uma canção de gesta foi perder-se
Em sórdidas notícias policiais.

Há outra brasa, outra candente rosa
Das cinzas que inteiros guardará;
Soberbos navalhistas estão lá
E a adaga, com seu peso, silenciosa.

Embora a adaga hostil, ess'outra adaga,
O tempo, os perdessem em maldição,
Hoje, ultrapassando o tempo e a aziaga
Morte, os mortos no tango viverão.

Na música estão, e na cordagem
Da teimosa guitarra trabalhosa,
Que trama na milonga venturosa
A festa e a inocência da coragem.

Gira no baldio a amarela roda
De cavalos e leões, e ouço o ecoar
Desses tangos de Greco e os de Arolas
Que eu vi pelas calçadas a bailar,

Num instante que emerge hoje isolado,
Sem antes nem depois, contra o olvido,
E que tem o sabor do já perdido,
Do já perdido e do recuperado.

Nos acordes, antigas coisas gemem:
O outro pátio com a entrevista parra.
(Por trás dessas paredes que ainda temem,
O Sul guarda um punhal e uma guitarra.)

Essa rajada, o tango, essa diabrura,
Os trabalhosos anos desafia;
Feito de pó e tempo, o homem dura

Menos que a inconsequente melodia,
Que só é tempo. O tango cria um turvo
Passado irreal, pouco se duvida,
A lembrança incrível de dar a vida
Brigando, numa esquina do subúrbio.

O outro

No primeiro dos vastos e milhares
Hexâmetros de bronze, a vista cega,
Invoca o fogo arcano ou a musa e lega
A ira de Aquiles em cantares.
Sabia que outro — um Deus — é o que fere
Com raio brusco nossa faina obscura;
Séculos depois diria a Escritura
Que o Espírito assopra onde quer.
A cabal ferramenta a seu escolhido
Dá sem piedade o deus jamais nomeado:
A Milton a sombra de emparedado,
O desterro a Cervantes e o olvido.
É seu o que perdura na memória
Do tempo secular. Nossa é a escória.

Uma rosa e Milton

Das gerações das rosas desfolhadas
Que o fundo do tempo as viu se perderem
Quero uma salva dos que a esquecerem,
Uma entre as coisas sem signo ou marcadas
Que já foram. O fado tem-me posto
Este dom de nomear por vez primeira
Essa flor silenciosa, a derradeira
Rosa que aproximou Milton ao rosto,
Semvê-la. Tu, branca rosa ou vermelha
Ou amarela de um jardim fanado,
Deixa magicamente teu passado
Imêmore no verso qual centelha,
Ouro, sangue ou marfim ou tenebrosa
Como em suas mãos, ó invisível rosa.

Leitores

Do fidalgo de seca e cítreas tez
E de um heroico afã se conjectura
Que, em véspera perpétua de aventura,
Na biblioteca se encerrou de vez.
Seus empenhos, que as crônicas pontuais
Narram, e os tragicômicos desplantes,
Quem as sonhou foi ele, não Cervantes:
São crônicas de sonhos, nada mais.
Tal, também, é minha sorte.
Existe algo Imortal e essencial que sepultei
Nessa biblioteca do antigo, sei,
Em que li a história do fidalgo.
As lertas folhas volta a criança e grave
Sonha com vagas coisas que não sabe.

João 1, 14

Os contos orientais já discorriam
Sobre um rei do tempo que, submetido
Ao tédio e ao esplendor, ia escondido
E sozinho, e os subúrbios percorria
E se perdia entre a turba da gente
De calejadas mãos, nomes banais;
Agora, como aquele Emir dos Crentes,
Harun, Deus quer andar entre os mortais
E nasce de uma mãe, tal como nascem
As linhagens que em poeira se desfazem,
E lhe será entregue este orbe inteiro,
Ar, água, pão, manhãs, pedras e lírios,
Porém, depois, o sangue do martírio,
O escárnio, os cravos e o madeiro.

O despertar

Entra a luz e ascendo torpemente
Desde os sonhos ao sonho partilhado
E as coisas readquirem seu esperado
E devido lugar e no presente
Converge assustador e vasto o vago
Ontem: as seculares migrações
Do pássaro e dos homens, as legiões
Que o ferro destruiu, Roma e Cartago.
Volta também a cotidiana história:
Meu rosto e voz, e meu temor e sorte.
Ah! Se aquele outro despertar, a morte,
Deparasse-me um tempo sem memória
Do nome meu e do que eu tenho sido!
Ah! Se nessa manhã houvesse olvido!

A quem já não é jovem

Já podes ver o trágico cenário
E cada coisa no lugar devido;
A espada, a chama e a cinza para Dido
E a moeda para Belisário.
Por que insistir, buscando no brumado
Bronze desses hexâmetros a guerra,
Se aqui estão os sete palmos de terra,
O brusco sangue e o fosso já escavado?
Aqui te espreita o espelho sem sondagem
Que sonhará e esquecerá a imagem
Dos derradeiros dias e agonias.
Já se aproxima o último. E a mansarda
Onde tua lenta e breve tarde passa
E a rua que vês todos os dias.

Alexander Selkirk

Sonho que o mar, aquele mar, me encerra
E do sonho saúdam-me as salvas
De Deus, que santificam as frias alvas
Destes íntimos campos da Inglaterra.
Cinco anos padeci olhando eternas
Coisas de solidão e de infinito,
Que ora são essa história que repito,
Já como uma obsessão, pelas tavernas.
Deus retornou-me ao mundo dos mortais,
A espelhos, cifras, nomes e umbrais,
E já não sou mais quem eternamente
Olhava a estepe profunda do mar.
Como farei para outros avisar
Que estou aqui salvo entre minha gente?

Odisseia, Livro Vigésimo Terceiro

Já as espadas de ferro executaram
O devido trabalho da vingança;
Já os dardos mais ásperos e a lança
O sangue do perverso prodigaram.
A despeito de um deus, dos mares seus,
Volta ao reino e à rainha o intrépido
Ulisses, a despeito do estrépito
De Ares, dos ventos grises e de um deus.
Já no amor do compartilhado leito
Dorme a insigne rainha sobre o peito
De seu rei, onde está o homem, porém,
Que nos dias e noites pelo mundo
Errava proscrito, cão vagabundo,
Dizendo que seu nome era Ninguém?

Ele

Os olhos de tua carne veem o lume
Do insofrível sol, tua carne toca
Pó espalhado ou apertada roca;
Ele é a luz, o amarelo, é o negrume.
É e os vê. Desde olhos incessantes
Te observa e são os olhos a indagar
Um reflexo e são o espelho a olhar,
Hidras negras e os tigres flamejantes.
Não lhe basta criar. Cada uma é Sua
Criatura de Seu estranho mundo:
As raízes porfiadas do profundo
Cedro e as mutações da volúvel lua.
Chamavam-me Caim. Por mim o
Eterno Sabe o sabor do fogo do inferno.

Sarmiento

Não o ofuscaram o mármore e a glória.
Nossa assídua retórica não lima
Sua rude realidade. As aclamadas
Datas de centenários e de fastos
Não fazem com que este homem solitário
Seja menos que um homem. Não antigo
Eco que multiplica a fama côncava
Ou, como aquele ou este, um branco símbolo
Que podem manejar as ditaduras.
É ele. E testemunha ele da pátria,
Quem nos vê, nossa infâmia e nossa glória,
A luz de Maio e o horror de Rosas
E o outro pavor ainda e os secretos dias
Do porvir minucioso. Ele é alguém
Que segue odiando, amando e combatendo.
Sei que naquelas alvas de setembro
Que não esquecerá ninguém, nem pode
Alguém contar, sentimos. Seu teimoso
Amor quer nos salvar. E noite e dia
Caminha entre os homens que lhe pagam
(Porque não morreu) seu jornal de injúrias
Ou de venerações. Vai abstraído
E em sua larga visão como num mágico
Cristal que a um só tempo encerra as três faces
Do tempo que é depois, antes, agora,
Sarmiento o sonhador segue sonhando-nos.

A um poeta menor de 1899

Deixar um verso para a hora triste
Que nos espreita no dia morrente,
Ligar teu nome a sua data dolente
De ouro e de vaga sombra. Isto pediste.
Com que paixão, ao declinar do dia,
Trabalharias tu o estranho verso
Que, até o dispersar-se do universo,
A hora de estranho azul confirmaria!
Não sei se teu labor o conseguiu,
Meu vago irmão maior, ou se exististe,
Mas estou só e o olvido em que caíste
Que restitua aos dias tua sutil
Sombra para este já cansado alarde
De umas palavras em que esteja a tarde.

Texas

Aqui também. Aqui, tal como no outro
Limite do continente, o infinito
Campo em que solitário morre o grito;
qui também o índio, o laço, o potro.
Aqui também o pássaro secreto
Que por sobre os fragores da história
Canta para uma tarde e sua memória;
Aqui também o místico alfabeto
Dos astros, que hoje ditam a meu cálamo
Nomes que o infatigável labirinto
Dos dias não arrasta: São Jacinto
E essas outras Termópilas, El Álamo.
Aqui também essa desconhecida
E ansiosa e breve coisa que é a vida.

Composição escrita em um exemplar da Gesta de Beowulf

Às vezes me pergunto que razões
Me movem a estudar sem esperança
De precisão, enquanto a noite avança,
Esta língua dos ásperos saxões.
Já gasta pelos anos a memória
Deixa cair a em vão e repetida
Palavra e assim é como minha vida
Tece e destece sua cansada história.
Será (me digo) que de um suficiente
E mais secreto modo a alma sabe
Que é imortal e que seu vasto e grave
Círculo tudo abarca onipotente.
Para além deste afã e deste verso
Me espera inesgotável o universo.

Hengist Cyning

EPITÁFIO DO REI

Sob a pedra jaz o corpo de Hengist
Que fundou nestas ilhas o primeiro reino
Da estirpe de Odin
E saciou a fome das águias.

FALA O REI

Não sei que runas terá marcado o ferro na pedra
Mas minhas palavras são estas:
Sob os céus eu fui Hengist, o mercenário.
Vendi minha força e minha coragem aos reis
Das regiões do ocaso que lindam
Com o mar que se chama
O Guerreiro Armado com Lança,
Mas a força e a coragem não suportam
Que as vendam os homens
E assim, depois de ter esfaqueado no Norte
Os inimigos do rei bretão,
Tirei-lhe a luz e a vida.
Agrada-me o reino que ganhei com a espada;
Há rios para o remo e para a rede
E longos verões
E terra para o arado e para o rebanho
E bretões para trabalhá-la
E cidades de pedra que entregaremos
À desolação,
Porque as habitam os mortos.
Eu sei que a minhas costas
Me tacham de traidor os bretões,

Mas eu fui fiel a minha valentia
E não confiei meu destino aos outros
E nenhum homem se atreveu a trair-me.

Fragmento

Uma espada,
Uma espada de ferro forjada no frio da alva,
Uma espada com runas
Que ninguém poderá desdenhar nem decifrar
totalmente,
Uma espada do Báltico que será cantada
na Nortúmbria,
Uma espada que os poetas
Igualarão ao gelo e ao fogo,
Uma espada que um rei dará a outro rei
E este rei a um sonho,
Uma espada que será leal
Até uma hora que já sabe o Destino,
Uma espada que iluminará a batalha.

Uma espada para a mão
Que comandará a formosa batalha, o tecido de
homens,
Uma espada para a mão
Que avermelhará os dentes do lobo
E o desapiedado bico do corvo,
Uma espada para a mão
Que prodigalizará o ouro rubro,
Uma espada para a mão
Que dará morte à serpente em seu leito de ouro,
Uma espada para a mão
Que ganhará um reino e perderá um reino,
Uma espada para a mão
Que derrubará a selva de lanças.
Uma espada para a mão de Beowulf.

A uma espada em York Minster

Em seu ferro perdura o homem forte,
Hoje pó de planeta, que nas guerras
De ásperos mares e arrasadas terras
Esgrimiу, em vão no fim, contra a morte.
Também a morte é vã. A esta paragem,
Desde a Noruega, homem feral e lívido,
Pelo épico destino veio urgido:
Sua lança hoje é seu nome e sua imagem.
Pese ao desterro e à morte prolongada,
A mão atroz segue oprimindo a espada
E sou sombra na sombra ante o guerreiro
Cuja sombra está aqui. Eu sou um instante
E o instante é cinza, nunca diamante.
E somente o passado é verdadeiro.

A um poeta saxão

Tu cuja carne, hoje dispersão e pó,
Pesou como a nossa sobre a terra,
Tu cujos olhos viram o sol, essa famosa estrela,
Tu que viveste não no rígido ontem
Mas sim no incessante presente,
No último ponto e ápice vertiginoso do tempo,
Tu que em teu mosteiro foste chamado
Pela antiga voz da épica,
Tu que teceste as palavras,
Tu que cantaste a vitória de Brunanburh
E não a atribuíste ao Senhor
Mas sim à espada de teu rei,
Tu que com júbilo feroz cantaste
A humilhação do viking,
O festim do corvo e da águia,
Tu que na ode militar congregaste
As rituais metáforas da estirpe,
Tu que num tempo sem história
Viste no agora o ontem
E no suor e sangue de Brunanburh
Um cristal de antigas auroras,
Tu que tanto amavas tua Inglaterra
E não a nomeaste,
Hoje não és outra coisa que umas palavras
Que os germanistas anotam.
Hoje não és outra coisa que minha voz
Quando revive tuas palavras de ferro.

Peço a meus deuses ou à soma do tempo
Que meus dias mereçam o esquecimento,
Que meu nome seja Ninguém como o de Ulisses,
Porém que algum verso perdure

Na noite propícia à memória
Ou nas manhãs dos homens.

Snorri Sturluson (1179-1241)

Tu, que legaste uma mitologia
De gelo e fogo à filial memória,
Tu, que fixaste a tão violenta glória
De tua estirpe pirática e bravia,
Sentiste, com assombro numa tarde
De espadas, tua humana carne a fremir
Triste. Naquela tarde sem porvir
Te foi dado saber que eras covarde.
Na noite da Islândia, a amarga e salobre
Borrasca move o mar. Está cercada
Tua casa. Até as fezes engolida
A inesquecível desonra. Por sobre
Tua pálida cabeça cai a espada,
Tantas vezes no livro teu caída.

A Carlos XII

Viking da vasta estepe, Carlos doze
Da Suécia, que cumpriste até o fim
De Norte a Sul a árdua via de Odin,
Divino antecessor, a que se impôs e
Cujos trabalhos movem a memória
Dos homens à epopeia, a batalha
Mortal, o terror duro da metralha,
A firme espada e a sangrenta glória.
Soubeste que vencer ou ser vencido
São faces de um Acaso indiferente,
Que outro valor não há que ser valente
E o mármore, ao final, será o olvido.
Ardes glacial, mais que o deserto és só;
Ninguém chegou a tua alma e morto és pó.

Emanuel Swedenborg

Mais alto do que os outros, caminhava
Aquele homem entre os homens circunspecto;
Apenas os chamava por secretos
Nomes os celestiais anjos. Olhava
O que não veem os olhos terrenais:
A ardente geometria, o cristalino
Edifício de Deus e o torvelino
De imundices dos gozos infernais.
Sabia ele que a Glória e o Averno
Em tua alma estão e suas mitologias;
Como o grego, sabia que os dias
Do tempo são os espelhos do Eterno.
Em árido latim foi registrando
Últimas coisas sem por que nem quando.

Jonathan Edwards (1703-1785)

Longe da cidade, longe do foro
Clamoroso e do tempo, que é mudança,
Edwards, eterno já, sonha e avança
À sombra de copados ramos de ouro.
Hoje é ontem e amanhã. Não floresce
Uma coisa de Deus no calmo ambiente
Que não o exalte misteriosamente,
O ouro do luar, ou quando entardece.
Pensa feliz que o mundo é um eterno
Instrumento de ira e que o ansiado
Céu foi para pouquíssimos criado
E quase para todos foi o inferno.
No centro pontual do emaranhado
Há Deus, a Aranha, o outro aprisionado.

Emerson

Este alto cavalheiro americano
O denso livro de Montaigne fecha
E busca outro gozo que não se deixa
Por menos, a tarde que exalta o plano.
Até o fundo do poente descendo,
Até o limite que o poente matiza,
Como agora, nos campos ele pisa,
Para lembrarem de quem está escrevendo.
Medita: Eu li os livros essenciais
E outros compus que não há de apagar
O obscuro olvido. A um Deus coube me doar
O que é dado saber a nós, mortais.
Meu nome o continente anda a correr;
Não vivi. Outro homem queria ser.

Edgar Allan Poe

Pompa marmórea, negra anatomia
Que ultrajam os vis vermes sepulcrais,
Da morte triunfal os glaciais
Símbolos congregou. Não os temia.
Outras sombras temia, as amorosas,
As venturas comuns de toda a gente;
Não o cegaram o metal luzente,
O mármore da tumba, mas a rosa.
Assim como no espelho, do outro lado,
Solitário entregou-se ele a seu fado
Complexo de inventor de pesadelos.
Do outro lado, talvez, da ignota morte,
Siga erigindo textos, só e forte,
Atrozes, belos e ouse escrevê-los.

Camden, 1892

O cheiro do café e dos periódicos.
O domingo e seu tédio. De manhã
E na entrevista página essa vã
Publicação de versos alegóricos
De um colega feliz. Branco e prostrado,
O velho permanece em sua decente
Habitação de pobre. Ociosamente
Olha a cara no espelho fatigado.
Já sem assombro, então, ele medita
Que o rosto é ele. A mão toca alheada
A barba turva e a boca saqueada.
Não está longe o final. Sua boca dita:
Quase não sou, porém meus versos ritmam
A vida e seu esplendor. Eu fui Walt Whitman.

Paris, 1856

À longa prostração acostumado,
Antecipou a morte. Temeria
Expor-se ao agitado e ofenso dia
E andar por entre os homens. Derrubado,
Heine pensa naquele rio em breu,
O tempo, que o afasta lentamente
Dessa longa penumbra e do dolente
Destino de ser homem e ser judeu.
Pensa nas delicadas melodias
Cujo instrumento foi, porém bem sabe
Que o trino não é da árvore nem da ave,
Senão do tempo e de seus vagos dias.
Teus rouxinóis não servirão de nada,
Nem noites de ouro e tuas flores cantadas.

Rafael Cansinos-Asséns

A imagem daquele povo execrado,
Lapidado, imortal em sua agonia,
Nas escuras vigílias o atraía
Com um quê de horror santo e sagrado.
Bebeu como quem bebe um vinho bento
Os Salmos e os Cantares da Escritura
E sentiu que era sua essa doçura
E sentiu que era seu aquele intento.
Israel o chamava. Intimamente
Cansinos a ouviu como o profeta
Na esfera secretíssima a secreta
Voz do Senhor, da flânea sarça ardente.
Acompanhe-me sempre sua memória;
As outras coisas as dirá a glória.

Os enigmas

Eu que agora sou quem está cantando
Amanhã serei o morto, o iniciado
Habitante de um orbe despovoado,
Mágico, sem depois, antes ou quando.
Assim afirma a mística. Indigno
Me julgo, quer do Inferno, quer da Glória,
Mas nada profetizo. Nossa história,
Como as de Proteu, muda formas, signos.
Que errante labirinto, que brancura
Cega de resplendor ser-me-á a sorte,
Ao entregar-me ao fim desta aventura
A experiência incógnita da morte?
Quero beber seu cristalino Olvido,
Ser para sempre; mas jamais ter sido.

O instante

Onde as eras, o sonho derradeiro
De espadas com que os tártares sonharam,
Onde as fortes paredes que arrombaram,
E a Árvore de Adão, e o outro Madeiro?
O presente está só. Só a memória
Erigiu o tempo. Sucessão e engano
São a rotina do relógio. O ano
Menos vão não é do que a vã história.
Há um abismo entre o albor e o sol que desce
De agonias, de luzes, de cuidados;
O rosto, ao se mirar nos desgastados
Cristais da noite, não se reconhece.
O hoje fugaz é tênue e é eterno;
Nem outro Céu esperes, nem Inferno.

Ao vinho

Já no bronze de Homero teu nome resplandece,
Negro vinho que o âmago dos homens aqueces.

De mão em mão tu viajas faz centenas de anos
Desde o rítom dos gregos ao corno dos germanos.

Na aurora tu já lá estavas. Às gerações
Lhes deste no caminho teu fogo e teus leões.

Junto àquele outro rio de noites e de dias
O teu corre e o aclamam amigos e alegrias,

Vinho que como Eufrates patriarcal e profundo
Vais fluindo ao longo da vasta história do mundo.

Em teu cristal que vive, nosso olhar com amor
Viu metáfora rubra do sangue do Senhor.

Nas mais arrebatadas estrofes do sufi
Tu és a rosa, a curva cimitarra e o rubi.

Que os outros em teu Letes bebam um triste olvido;
Eu busco em ti as festas do fervor compartido.

Sésamo com o qual antigas noites eu abro
E, nas pesadas trevas, dádiva e candelabro.

Vinho do mútuo amor ou então da rubra peleja,
Algumas vezes eu te chamarei. Que assim seja.

Soneto do vinho

Em que reino, em que século, sob que silenciosa
Conjunção das estrelas, em que secreto dia
Que não salvou o mármore, surgiu a valiosa
E singular ideia de inventar a alegria?
Com outonos dourados a inventaram.
O vinho Espesso e rubro flui ao longo das gerações,
Como o rio do tempo, e como no árduo caminho
Nos procura sua música, seu fogo e seus leões.
Pelas noites de júbilo ou na jornada adversa
Ele exalta a alegria ou mitiga-nos o espanto,
E o ditirambo novo que este dia lhe canto
Outrora o decantaram o árabe e o persa.
Vinho, mostra-me a arte de ver-me a própria história
Como se esta já fosse só cinza na memória.

1964

I

Já não é mágico o mundo. Deixaram-te.
A clara lua não compartirás
Nem os lentos jardins. Lua não há
Que não seja espelho dos que passaram,
Cristal de solidão, sol de agonias.
Adeus às mútuas mãos e às latejantes
Fontes que aproximava o amor. Restantes,
A memória fiel, desertos dias.
Ninguém perde (tu repete baldamente)
Senão o que não tem, sem nunca ter,
Mas não basta, somente, ser valente
Para aprender a arte de esquecer.
Um símbolo, uma rosa te desgarra
E pode te matar uma guitarra.

II

Já não serei feliz. Mas tanto faz.
Há tantas outras coisas neste mundo;
Um instante qualquer é mais profundo,
Diverso que o mar. A vida, fugaz,
E embora as horas passem devagar,
Obscura maravilha nos expecta,
A morte, esse outro mar, essa outra seta
Que do sol nos libera e do luar
E do amor. A alegria que me doaste
E me tiraste, que seja apagada;
O que era tudo se transforme em nada.
O gozo de estar triste só me baste,
Este costume vão que a mim inclina

Ao Sul, a certa porta, a certa esquina.

A fome

Mãe atroz e antiga da incestuosa guerra,
Seja apagado teu nome da face da Terra.

Tu que arrojaste ao círculo do horizonte aberto
A alta proa do viking, as lanças do deserto.

Na alta Torre da Fome de Ugolino de Pisa
Ergueste teu monumento e na estrofe concisa

Que nos deixa entrever (somente entrever) os dias
Últimos e, na sombra que cai, as agoniais.

Tu que de seus pinhais fazes com que surja o lobo
E que guiaste a mão de Jean Valjean ao roubo.

Uma de tuas imagens é este silencioso
Deus que entredevora o orbe sem ira e sem repouso,

O tempo. Há outra deusa do escuro e da ossama;
A fome é seu pão nosso e a insônia é sua cama.

Tu que a morte de Chatterton no ático selas
Entre os códices falsos e uma lua amarela.

Tu que entre o nascimento do homem e sua agonia
Pedes em oração nosso pão de cada dia.

Tu cuja lenta espada corrói as gerações
E sobre os obstinados lanças ferozes leões.

Mãe atroz e antiga da incestuosa guerra,
Seja apagado teu nome da face da Terra.

O forasteiro

Despachadas as cartas e o telegrama,
caminha pelas ruas indefinidas
e constata leves diferenças que não lhe importam
e pensa em Aberdeen ou em Leyden,
mais vívidas para ele que este labirinto
de linhas retas, não de complexidade,
aonde o leva o tempo de um homem
cuja verdadeira vida está longe.

Num aposento numerado
se barbeará depois diante de um espelho
que não voltará a refleti-lo e lhe parecerá que esse
rosto

é mais inescrutável e mais firme
que a alma que o habita
e que ao longo dos anos o lavra.

Cruzará contigo numa rua
e talvez notes que é alto e gris
e que observa as coisas.

Uma mulher indiferente
lhe oferecerá a tarde e o que acontece
do outro lado de uma porta. O homem
pensa que esquecerá seu rosto e recordará,
anos depois, perto do Mar do Norte,
a persiana ou a lâmpada.

Essa noite, seus olhos contemplarão,
num retângulo de formas que foram,
o ginete e sua épica planície,
porque o *Far West* abarca o planeta
e se espelha nos sonhos dos homens
que nunca nele pisaram.

Na numerosa penumbra, o desconhecido
se julgará em sua cidade

e o surpreenderá sair noutra,
de outra linguagem e de outro céu.
Antes da agonia,
o inferno e a glória nos foram dados;
andam agora por esta cidade, Buenos Aires,
que para o forasteiro de meu sonho
(o forasteiro que eu fui sob outros astros)
é uma série de imprecisas imagens
feitas para o olvido.

A quem me está lendo

Tu és invulnerável. Não te doaram
Os numes que comandam teu destino
A certeza do pó? Não é, acaso,
Teu tempo irreversível o do rio
Em cujo espelho viu o signo Heráclito
De que ele era fugaz? Te espera o mármore
Que não lerás. Já nele estão gravados
As datas, a cidade e o epítafio.
Sonhos do tempo são também os outros,
Não firme bronze nem depurado ouro;
Proteu é o universo, teu igual.
Sombra, irás à sombra que te aguarda
Fatal quando findares tua jornada;
Pensa que de algum modo és já cadáver.

O alquimista

Lento no alvor um jovem desgastado
Por longa reflexão e por avaras
Vigílias considera ensimesmado
Os insones braseiros e alquitaras.

Sabe que o ouro espreita, esse Proteu,
Seja qual for o acaso, como os fados;
Sabe-o no arco, flecha, braços armados
No pó que nos caminhos dissolveu.

Na obscura visão de um secreto ser
Que se oculta nos astros e no lodo,
Lateja outro sonho de que o todo
É água, como Tales julgou ver.

Outra visão terá; a de um eterno
Deus que em tudo é e o olhar ubíquo pousa,
Como explica o geométrico Spinoza
Num livro bem mais árduo que o Averno...

No azul dos vastos lindes orientais
Esvaem-se os planetas na alva quieta,
O alquimista pensa nas secretas
Leis que ligam planetas e metais.

E entretanto crê tocar já incendido
O ouro aquele que a Morte matará.
Deus, mestre da alquimia, o inverterá
Em Pó, ninguém, em nada, enfim, no olvido.

Alguém

Um homem trabalhado pelo tempo,
um homem que nem sequer espera a morte
(as provas da morte são estatísticas
e não há ninguém que não corra o risco
de ser o primeiro imortal),
um homem que aprendeu a agradecer
as modestas esmolas dos dias:
o sonho, a rotina, o sabor da água,
uma não suspeitada etimologia,
um verso latino ou saxão,
a lembrança de uma mulher que o abandonou
já faz tantos anos
que hoje pode recordá-la sem amargura,
um homem que não ignora que o presente
já é o futuro e o esquecimento,
um homem que foi desleal
e com quem foram desleais
pode sentir de repente, ao cruzar a rua,
uma misteriosa felicidade
que não vem do lado da esperança
mas sim de uma antiga inocência,
de sua própria raiz ou de um deus disperso.

Sabe que não deve olhá-la de perto,
porque há razões mais terríveis que tigres
que lhe demonstrarão seu dever
de ser um desventurado,
porém humildemente recebe
essa felicidade, esse lampejo.

Talvez na morte para sempre sejamos,
quando o pó for pó,

essa indecifrável raiz,
da qual para sempre crescerá,
equânime ou atroz,
nosso solitário céu ou inferno.

Everness

Só não há uma coisa. É o esquecer.
Deus, que salva o metal, salva a escória
E cifra em Sua profética memória
As luas que já foram e as que hão de ser.
Tudo está aí: visões multiplicadas
Que entre esses dois crepúsculos do dia
Tua face foi deixando e as refletia
E as que ela irá deixando-as espelhadas.
E tudo é uma parte do diverso
Cristal dessa memória, o universo;
Jamais têm fim seus árduos corredores
E a ti fecham-se as portas com descaso;
Somente do lado oposto do ocaso
Verás os Arquétipos e Esplendores.

Ewigkeit

Torne-me à boca o verso castelhano
A dizer o que sempre está dizendo
Desde o latim de Sêneca: o horrendo
Ditame de que tudo é do gusano.
Torne a pálida cinza a homenagear
A morte com seus fastos e a vitória
Da rainha retórica a pisar
Aqueles estandartes da vanglória.
Doutro modo. O por meu barro abençoadão
Não vou negá-lo eu como um covarde.
Sei que uma coisa não há. O olvidado;
Sei que na eternidade perdura e arde
O precioso e o muito esperdiçados:
Essa lua, essa frágua e essa tarde.

Édipo e o enigma

Quadrúpede na aurora, alto no dia
E com três pés errando pelo vão
Âmbito do entardecer, assim via
A eterna esfinge ao inconstante irmão,
O homem, e à tarde um homem vaticina
Decifrando aterrado, no cristal
Da monstruosa imagem, o fatal
Reflexo de seu destino e ruína.
Somos Édipo e, de modo eternal,
Somos, no vasto e tríplice animal,
O que seremos e tenhamos sido.
Aniquilar-nos-ia ver a ingente
Forma de nosso ser; piedosamente
Deus nos depara sucessão e olvido.

Spinoza

As mãos do judeu lavram transparentes,
No lusco-fusco, brunindo os cristais,
E medo e frio é a tarde poente.
(Tardes que às tardes todas são iguais.)
As mãos e o espaço de jacinto
Que nas portas do Gueto empalidece
Quase não há para o homem que assim tece
Quieto os sonhos de um claro labirinto.
Não o turva a fama, sonhos reflexos
No sonho de outro espelho convexo,
Nem o amor temeroso das donzelas.
Liberto da metáfora e do mito,
Um cristal árduo lavra: o infinito
Mapa d'Aquele que é todas as suas estrelas.

Espanha

Para além dos símbolos,
para além da pompa e da cinza dos aniversários,
para além da aberração do gramático
que vê na história do fidalgo
que sonhava ser Dom Quixote e, por fim, o foi,
não uma amizade e uma alegria
mas sim um herbário de arcaísmos e de provérbios,
estás, Espanha silenciosa, em nós.

Espanha do bisão, que morreria
sob o ferro ou o rifle,
nas pradarias do ocaso, em Montana,
Espanha em que Ulisses fez a descida à Casa de
Hades,

Espanha do ibero, do celta, do cartaginês, e de Roma,
Espanha dos ásperos visigodos,
de estirpe escandinava,
que soletraram e esqueceram a escrita de Ulfilas,
pastor dos povos,

Espanha do Islã, da cabala
e da Noite Escura da Alma,

Espanha dos inquisidores,
que padeceram o destino de ser verdugos
e teriam podido ser mártires,

Espanha da longa aventura
que decifrou os mares e reduziu crueis impérios
e que prossegue aqui, em Buenos Aires,
nesta entardecer do mês de julho de 1964,

Espanha da outra guitarra, a dilacerada,
não a humilde, a nossa,

Espanha dos pátios,

Espanha da piedosa pedra de catedrais e santuários,
Espanha do honrado bem e da caudalosa amizade,

Espanha da inútil coragem,
podemos professar outros amores,
podemos esquecer-te
como esquecemos nosso próprio passado,
porque inseparavelmente estás em nós,
nos íntimos hábitos do sangue,
nos Acevedo e nos Suárez de minha linhagem,
Espanha,
mãe de rios e de espadas e de multiplicadas
gerações,
incessante e fatal.

Elegia

Oh! destino o de Borges,
ter navegado pelos diversos mares do mundo
ou pelo único e solitário mar de nomes diversos,
ter sido uma parte de Edimburgo, de Zurique, das
duas Córdobas,
da Colômbia e do Texas,
ter regressado, depois de mudadas gerações,
às antigas terras de sua estirpe,
à Andaluzia, a Portugal e àqueles condados
onde o saxão guerreou com o danês e misturaram
seus sangues,
ter errado pelo rubro e tranquilo labirinto de Londres,
ter envelhecido em tantos espelhos,
ter buscado em vão o olhar de mármore das
estátuas,
ter examinado litografias, encyclopédias, atlas,
ter visto as coisas que veem os homens, a morte, o
torpe
amanhecer, a planície
e as delicadas estrelas,
e não ter visto nada ou quase nada
a não ser o rosto de uma jovem de Buenos Aires,
um rosto que não quer que o recorde.
Oh! destino de Borges, talvez não mais estranho que
o teu.

Bogotá, 1963.

Adam Cast Forth

Houve um Jardim, ou foi só uma visão?
Lento, na vaga luz, tenho indagado,
Quase como um consolo, se o passado,
De que era dono o agora excluso Adão,
Não passou de uma mágica impostura
Do Deus que visionei. Já é impreciso
Na memória o radiante Paraíso,
Porém sei que ele existe e que perdura,
Embora não para mim. A áspera terra
É meu castigo e a incestuosa guerra
De Cains e de Abeis e de sua cria.
E, no entanto, é muito ter amado,
Ter sido então feliz e ter tocado
O vivente Jardim, por um só dia.

A uma moeda

Fria e tormentosa a noite em que zarpei de
Montevidéu.

Ao dobrar o Cerro,
atirei do convés mais alto
uma moeda que brilhou e afundou nas águas
barrentas,
uma coisa de luz que arrebataram o tempo e a treva.
Tive a sensação de ter cometido um ato irrevogável,
de acrescentar à história do planeta
duas séries incessantes, paralelas, talvez infinitas:
meu destino, feito de soçobra, de amor e de vãs
vicissitudes,
e o daquele disco de metal
que as águas dariam ao brando abismo
ou aos remotos mares que ainda roem
despojos do saxão e do viking.
A cada instante de meu sono ou de minha vigília
corresponde outro da cega moeda.
Às vezes senti remorso
e outras, inveja
de ti que estás, como nós, no tempo e em seu
labirinto
e que não o sabes.

Outro poema dos dons

Quero dar graças ao divino
Labirinto dos efeitos e das causas
Pela diversidade das criaturas
Que formam este singular universo,
Pela razão, que não cessará de sonhar
Com um plano do labirinto,
Pelo rosto de Helena e pela perseverança de Ulisses,
Pelo amor, que nos deixa ver os outros
Como os vê a divindade,
Pelo firme diamante e pela água solta,
Pela álgebra, palácio de precisos cristais,
Pelas místicas moedas de Ângelo Silésio,
Por Schopenhauer,
Que talvez tenha decifrado o universo,
Pelo fulgor do fogo
Que nenhum ser humano pode olhar sem um
assombro antigo,
Pela caoba, pelo cedro e pelo sândalo,
Pelo pão e pelo sal,
Pelo mistério da rosa
Que prodigaliza cor e que não a vê,
Por certas vésperas e dias de 1955,
Pelos duros tropeiros que na planície
Arreiam os animais e a alva,
Pela manhã em Montevidéu,
Pela arte da amizade,
Pelo último dia de Sócrates,
Pelas palavras que em um crepúsculo se disseram
De uma cruz a outra cruz,
Por aquele sonho do Islã que abarcou
Mil noites e uma noite,
Por aquele outro sonho do inferno

Da torre de fogo que purifica
E das esferas gloriosas,
Por Swedenborg,
Que conversava com os anjos nas ruas de Londres,
Pelos rios secretos e imemoriais
Que convergem em mim,
Pelo idioma que, faz séculos, falei em Nortúmbria,
Pela espada e pela harpa dos saxões,
Pelo mar, que é um deserto resplandecente
E uma cifra de coisas que não sabemos
E um epitáfio dos vikings,
Pela música verbal da Inglaterra,
Pela música verbal da Alemanha,
Pelo ouro, que relumbra nos versos,
Pelo épico inverno,
Pelo nome de um livro que não li:
Gesta Dei per Francos,
Por Verlaine, inocente como os pássaros,
Pelo prisma de cristal e pelo peso de bronze,
Pelas raias do tigre,
Pelas altas torres de São Francisco e da ilha de
Manhattan,
Pela manhã no Texas,
Por aquele sevilhano que redigiu a Epístola Moral
E cujo nome, como ele teria preferido, ignoramos,
Por Sêneca e Lucano, de Córdoba,
Que antes do espanhol escreveram
Toda a literatura espanhola,
Pelo geométrico e bizarro xadrez,
Pela tartaruga de Zenão e pelo mapa de Royce,
Pelo aroma medicinal dos eucaliptos,
Pela linguagem, que pode simular a sabedoria,
Pelo esquecimento, que anula ou modifica o passado,
Pelo costume,
Que nos repete e nos confirma como um espelho,
Pela manhã, que nos depara a ilusão de um princípio,

Pela noite, sua treva e sua astronomia,
Pelo valor e pela felicidade dos outros,
Pela pátria, sentida nos jasmins
Ou numa velha espada,
Por Whitman e Francisco de Assis, que já escreveram
o poema,

Pelo fato de que o poema é inesgotável
E se confunde com a soma das criaturas
E não chegará jamais ao último verso
E varia segundo os homens,
Por Frances Haslam, que pediu perdão a seus filhos
Por morrer tão devagar,
Pelos minutos que precedem o sono,
Pelo sono e pela morte,
Esses dois tesouros ocultos,
Pelos íntimos dons que não enumero,
Pela música, misteriosa forma do tempo.

Ode escrita em 1966

Ninguém é a pátria. Nem sequer o ginete
Que, alto na alva de uma praça deserta,
Conduz um corcel de bronze pelo tempo,
Nem os outros que olham desde o mármore,
Nem os que prodigaram sua bética cinza
Pelos campos da América
Ou deixaram um verso ou uma façanha
Ou a memória de uma vida cabal
No justo exercício dos dias.

Ninguém é a pátria. Nem sequer os símbolos.
Ninguém é a pátria. Nem sequer o tempo
Carregado de batalhas, de espadas e de êxodos
E da lenta povoação de regiões
Que lindam com a aurora e o ocaso,
E de rostos que vão envelhecendo
Nos espelhos que se empanam
E de sofridas agonias anônimas
Que duram até a alva
E da teia de aranha da chuva
Sobre negros jardins.

A pátria, amigos, é um ato perpétuo
Como o perpétuo mundo. (Se o Eterno
Espectador deixasse de sonhar-nos
Um só instante, nos fulminaria,
Branco e brusco relâmpago, Seu olvido.)
Ninguém é a pátria, mas todos devemos
Ser dignos do antigo juramento
Que prestaram aqueles cavaleiros
De ser o que ignoravam, argentinos,
De ser o que seriam pelo fato

De ter jurado nesta velha casa.
Somos o futuro desses varões,
A justificativa daqueles mortos;
Nosso dever é a gloriosa carga
Que a nossa sombra legam essas sombras
Que devemos salvar.
Ninguém é a pátria, porém todos o somos.
Arda em meu peito e no vosso, incessante,
Esse límpido fogo misterioso.

O sono

Se o sono fosse (como dizem) uma
Trégua, um repousar puro da mente,
Por que, se te despertam bruscamente,
Sentes que te roubaram uma fortuna?
Por que é tão triste madrugar? A hora
Nos despoja de um dom inconcebível,
Tão íntimo que só é traduzível
Num sopor que a vigília em ouro doura
De sonhos, que bem podem ser truncados
Reflexos dos tesouros de umbra instável,
De um orbe intemporal inominável
Que o dia nos espelha deformado.
Quem serás, esta noite, do outro lado
Da parede do sonho indecifrado?

Junín

Sou, mas sou também o outro, o que morreu,
O outro de meu nome e sangue herdeiro;
Sou um vago senhor, sou o escudeiro
Que as lanças do deserto as abateu.
Volto a Junín, que não me viu jamais,
Avô Borges, a teu Junín. Percebes-me,
Cinza final ou sombra, ou não recebes
No sonho de bronze os truncados ais?
Acaso buscas em minha vã mirada
O épico Junín de teus soldados,
A árvore que plantaste, os teus cercados
E no limite a tribo saqueada.
Percebo-te triste, face severa.
Quem me dirá quem foste e como eras.

Junín, 1966.

Um soldado de Iee (1862)

Uma bala alcançou-o na ribeira
De um claro rio de nome esquecido.
Cai emborcado. (A história é verdadeira
E mais de um homem nele tem vivido.)
O ar de ouro move ociosas as ramadas
Do copado pinheiro. Uma paciente
Formiga escala o rosto indiferente.
Sobe o sol. Muitas coisas já mudadas
E sem fim no futuro mudarão
Até um certo dia em que te canto
A ti que, sem a dádiva do pranto,
Caíste como um homem morto ao chão.
Não há mármore a guardar tua memória;
Sete palmos de terra, tua obscura glória.

O mar

Antes que o sonho (ou o terror) que gera
Mitologias e cosmogonias,
Antes que o tempo se cunhasse em dias,
O mar, o sempre mar, já estava e era.
Quem é o mar? Quem, aquele violento
E antigo ser a roer os pilares
Da terra e é um e tantos outros mares
E abismo e resplendor e acaso e vento?
Quem o observa o vê por vez primeira,
Sempre. E as coisas com o maravilhoso
Que elementares deixam, o formoso
Ocaso, a lua, o fogo da fogueira.
Quem é o mar, quem sou? Hei de saber
O dia que à agonia suceder.

Manhã de 1649

Carlos avança entre seu povo. Mira
À direita e à esquerda. Recusou
Os braços da escolta. Já libertou-se
Dessa necessidade da mentira,
Vai hoje à morte, sabe, e não ao olvido,
E que é um rei. Espera-o já o algoz;
A manhã está ali, real e atroz.
Sua carne não teme. Sempre tem sido,
Como bom jogador, indiferente.
Na vida até as fezes amargado,
Agora está só entre a armada gente.
Não o infama o patíbulo. Os jurados
Não são o Jurado. Mui levemente
Saúda e sorri. Está acostumado.

A um poeta saxão

As neves da Nortúmbria conheceram
E o rastro de teus passos apagaram
E entardeceres se multiplicaram
Que entre nós, irmão cinza, feneceram.
Lento, na lenta sombra, lavrarias
Pelos mares metáforas de espadas.
E do horror cujo pinhal é morada
E da solidão que trazem os dias.
Onde buscar teu nome, onde teus traços?
Essas são coisas que o antigo olvido Guarda.
Eu ignoro como terá sido
Quando tu foste um homem neste espaço.
Desterrado, os caminhos tu seguiste;
Só teu cantar de ferro em ti persiste.

Buenos Aires

Antes, eu te buscava em teus confins
Que lindam com a planície e com o pôr
Do sol e no gradil com seu frescor
Tão antigo de cedros e jasmins.
Na memória de Palermo tu estavas,
Em sua mitologia de um passado
De baralho e punhal e no dourado
Bronze das desnecessárias aldavas,
Com seu anel e mão. Eu te sentia
Nesses pátios do Sul e na crescente
Sombra que desdesenha lentamente
Sua longa reta, ao declinar o dia.
Agora estás em mim. És minha vaga
Sorte, coisas essas que a morte apaga.

Buenos Aires

E a cidade, agora, é como um traçado
Dos fracassos e ofensas que vivi;
Os ocasos desde essa porta eu vi
Ante esse mármore, em vão, aguardados.
O incerto ontem aqui, e o hoje distinto
Aqui os banais casos me deparam
De toda sorte humana; aqui armaram
Meus passos o incontável labirinto.
Aqui o entardecer cinzento espera
O fruto que lhe devem as manhãs;
Minha sombra aqui pela não menos vã
Sombra final ligeira irá, quimera.
Não nos une o amor, senão o espanto;
Será por isso que eu a quero tanto.

Ao filho

Não sou eu, são os mortos quem te gera.
São meu pai, o seu pai, os de outras eras
Traçando um longo dédalo de amores
Desde Adão nos desérticos albores
De Caim e de Abel, em sua aurora
Antiga que já é mitologia;
Sangue e medula chegam a este dia
Que está por vir, em que te gero agora.
Sinto sua multidão. Nós, somos nós
E, entre nós, estás tu e teus futuros
Filhos que hás de gerar. Os nascituros
E os do rubro Adão. Sou esses após
Também. O eterno em coisas já fixadas
Do tempo, que são formas apressadas.

Os compadritos mortos

Prosseguem escorando a curva estreita
Do Paseo de Julio, sombras vãs
Lutando sempre com sombras irmãs
Ou com a fome, essa outra loba à espreita.
Quando o último sol é cor de laca
Na fronteira dos bairros, dos umbrais,
Voltam a seu crepúsculo, fatais
E mortos, a sua puta e sua faca.
Perduram em apócrifas histórias,
Numa forma de andar, no só vibrar
De uma corda, num rosto, no assobiar,
Em pobres coisas, em obscuras glórias.
No íntimo do pátio, sob as parras,
Quando os dedos temperam a guitarra.

FIM



C